

ÍNDICE

EDITORIAL	5
-----------------	---

CIDADANIA LUSÓFONA: V CONGRESSO

Intervenções de Adriano Moreira (p. 8), Braima Cassamá (p. 10), Delmar Maia Gonçalves (p. 11), Elter Manuel Carlos (p. 12), Isabel Potier (p. 15), Ivónia Nahak Borges (p. 16), Luísa Timóteo (p. 18), Maria Dovigo (p. 18), Mariene Hildebrando e Paulo Manuel Sendim Aires Pereira (p. 21), Valentino Viegas (p. 23), Zeferino Boal (p. 26) e Carlos Mariano Manuel (p. 27).

DALILA PEREIRA DA COSTA, 100 ANOS DEPOIS

DALILA PEREIRA DA COSTA: NOTA BIO-BIBLIOGRÁFICA Rui Lopo	32
IN VOCAÇÃO Alexandre Teixeira Mendes	35
DALILA PEREIRA DA COSTA E A MITOLOGIA PORTUGUESA António Braz Teixeira	36
DALILA PEREIRA DA COSTA E A NATUREZA MATRIARCAL DE PORTUGAL Artur Manso	42
A COROGRAFIA SAGRADA NA OBRA DE DALILA PEREIRA DA COSTA Joaquim Domingues	51
ENCONTRO NA NOITE:	
ACERCA DO ONIRISMO MÍSTICO DE DALILA PEREIRA DA COSTA José Rui Teixeira	56
COM DALILA NO REEGA...GAÇO DE ATAEE...GINA Maria José Leal	61
DA SUBLIMAÇÃO DA MULHER NO PENSAMENTO	
DE DALILA PEREIRA DA COSTA Maria Luísa de Castro Soares	67
DALILA: O PANO DE FUNDO OU UMA PREMISSA INTERPRETATIVA ESSENCIAL Pedro Sinde	74
LEMBRANÇA DE UMA TESE DE DALILA Pinharanda Gomes	76

FRANCISCO DE HOLANDA, 5 SÉCULOS DEPOIS

O SENTIDO METAFÍSICO DA CRIAÇÃO EM FRANCISCO DE HOLANDA: ARTE E SER Américo Pereira...	80
FRANCISCO DE HOLANDA, OU DE COMO DESENHAR	
OS NOVOS MUNDOS POR ACHAR António Moreira Teixeira	83
FRANCISCO DE HOLANDA, O VARÃO ILUSTRE,	
CENSURADO E ESQUECIDO Delmar Domingos de Carvalho	93
FRANCISCO DE HOLANDA: DA IMITAÇÃO À IDEIA Idalina Maia Sidoncha	94
FRANCISCO DE HOLANDA E O DIÁLOGO LUSO-ITALIANO	
NO CONTEXTO DO RENASCIMENTO EUROPEU DO SÉC. XVI José Almeida	101
FRANCISCO DE HOLANDA E O FUROR DIVINO José Eliézer Mikosz	106
A VISÃO DE LIMA DE FREITAS SOBRE O OLHAR DE FRANCISCO DE HOLANDA Lígia Rocha	113
A TEORIA ESTÉTICO-METAFÍSICA DA PINTURA	
DE FRANCISCO DE HOLANDA Manuel Cândido Pimentel	121
A CIDADE DA ALMA EM FRANCISCO DE HOLANDA Manuel Curado	126
FRANCISCO DE HOLANDA E A ARTE Maria de Lourdes Sirgado Ganho	134
OS MEDALHÕES NA OBRA DE FRANCISCO DE HOLANDA Maria Teresa Amado	137
APONTAMENTO SOBRE FRANCISCO DA HOLANDA Mário Vitor Bastos	143
FRANCISCO DE HOLANDA: A CIRCULAÇÃO DO SABER	
EM ARQUITETURA NO SÉCULO XVI Paulo de Assunção	153
A NOÇÃO DE ARTE COMO PARTICIPAÇÃO DA CRIAÇÃO DIVINA,	
NO MISTICISMO MANEIRISTA DE FRANCISCO DE HOLANDA Samuel Dimas	165
A TEORIA DO PINTOR NA OBRA DE FRANCISCO DE HOLANDA Teresa Lousa	170

OUTRAS EVO(O)CAÇÕES

AGOSTINHO DA SILVA | Pedro Martins 176

ALBANO MARTINS | António Fournier e António José Borges 181

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA | Samuel Dimas 184

ANTÓNIO CABRAL | Manuela Morais 195

ANTÓNIO QUADROS | José Lança-Coelho 196

CASAI S MONTEIRO | António Braz Teixeira 197

DORA FERREIRA DA SILVA | Constança Marcondes César 200

FERREIRA DEUSDADO | Artur Manso 202

MANOEL TAVARES RODRIGUES-LEAL | Luís de Barreiros Tavares 212

MANUEL ANTUNES | Nuno Sotto Mayor Ferrão 216

MÁRCIA DIAS | Zeferino Boal 218

OUTROS VOOS

EXPRESSÃO E SENTIDO DA SAUDADE NA POESIA ANGOLANA
E MOÇAMBICANA DA GERAÇÃO DE 1985 | António Braz Teixeira 220

BREVE REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA FILOSOFIA EM CABO VERDE | Elter Manuel Carlos 224

PARA UMA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DA MÃE | José Eduardo Franco 231

A FISSURA NA MURALHA OU O “PRINCÍPIO DA AUTODETERMINAÇÃO” | Pedro Sinde 233

DOZE DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS | Renato Epifânio 235

AUTOBIOGRAFIA 5 | Samuel Dimas 248

EXTRAVOO

VIDA CONVERSÁVEL – SEGUNDA PARTE (CONTINUAÇÃO) | Agostinho da Silva 262

DIÁLOGOS DO MÊS DE OUTUBRO (EXCERTO) | António Telmo 264

BIBLIÁGUIO

A VIA LUSÓFONA III | Miguel Real 270

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO: A FORÇA DA PINTURA &
A “RENASCENÇA PORTUGUESA”: PENSAMENTO, MEMÓRIA E CRIAÇÃO | Renato Epifânio 272

NO REGAÇO DE ATAEGINA | José Almeida 274

MESTRES DA LÍNGUA PORTUGUESA | Jorge Chichorro Rodrigues 275

POEMÁGUIO

RENASCER A SUL | Maria Luísa Francisco 30

EXPRESSAR UM ISMO; PROVA DEVIDA | António José Borges 31

ABORRECIMENTO | Arthur Grupillo 174/5

DOM SEBASTIÃO, O QUE NÃO DESCANSA; IBN QASI, TODA A VIDA NA MORTE | Jesus Carlos 215

FAZEMOS METÁFORAS; PEREGRINAÇÃO | Samuel Dimas 261

ROSTO; RESIDUAL; ARRAIS; CUNEIFORME; ANJO | Luísa Borges 268/9

CRONOS & KAIROS; PRINCIPIUM SAPIENTIAE | Paulo Ferreira da Cunha 279

MEMORIÁGUIO 280

MAPIÁGUIO 281

ASSINATURAS 281

COLECÇÃO NOVA ÁGUIA 284

EDITORIAL

Em todos os seus números, a Revista *Nova Águia* tem assumido o propósito de, sem qualquer complexo histórico, dar voz às várias culturas lusófonas. Eis o que neste número uma vez mais acontece, de forma particularmente eloquente, desde logo na secção de abertura, onde publicamos uma selecção de textos apresentados no V Congresso da Cidadania Lusófona, promovido pelo MIL: Movimento Internacional Lusófono.

Na secção seguinte, publicamos uma dezena de textos sobre Dalila Pereira da Costa, cujo centenário do nascimento se comemora em 2018. Depois de já a termos homenageado no ano do seu falecimento (2012), promovemos este ano um Ciclo Evocativo sobre a sua Obra no Palacete Viscondes de Balsemão, no Porto, sua cidade natal, onde alguns dos textos que aqui publicamos foram apresentados em primeira mão.

A par de Dalila Pereira da Costa, Francisco de Holanda é a grande figura em destaque neste número da *Nova Águia*. Em 2017 assinalaram-se os quinhentos anos do seu nascimento e o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, em parceria com outras entidades, promoveu, na Biblioteca Nacional, em Lisboa, um Colóquio sobre a sua “Pintura e Pensamento”. No essencial, são os textos apresentados nesse Colóquio que aqui publicamos: dezena e meia de textos, que dão conta das diversas facetas de uma obra absolutamente singular no âmbito da cultura lusófona. Temos depois uma série de outras “Evo(o)cações”, naturalmente mais breves: de Albano Martins, que nos deixou neste ano, até Dora Ferreira da Silva e Manuel Antunes (que completariam igualmente cem anos em 2018), passando por outras figuras não menos relevantes – nomeadamente, Ferreira Deusdado, falecido há cem anos

(e que será o autor de referência do IV Colóquio do Atlântico, por iniciativa do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, da Universidade dos Açores e da Universidade Católica Portuguesa). Na secção seguinte, “Outros voos”, mantemos essa senda lusófona, começando por dois ensaios: um sobre a “Expressão e Sentido da Saudade na poesia angolana e moçambicana”, outro sobre o “Ensino da Filosofia em Cabo Verde”. Como igualmente tem sido hábito, publicamos, em “Extravoo”, mais alguns inéditos – nomeadamente, de Agostinho da Silva e António Telmo, dois autores de referência para a *Nova Águia*. Por fim, em “Bibliáguio”, publicamos uma série de resenhas de algumas obras recentemente lançadas (parte das quais publicadas também com a nossa chancela), e, em “Memoriáguio”, registamos fotograficamente alguns eventos para memória futura.

A Direcção da *Nova Águia*

Post Scriptum: Dedicamos este número, no plano pessoal, a Manuel Ferreira Patrício, que completou em Setembro oitenta anos (particularmente fecundos) de vida – no próximo número, publicaremos um extenso ensaio, de Emanuel Oliveira Medeiros, sobre a sua Obra. No plano institucional, dedicamos este número à Academia Internacional da Cultura Portuguesa, que, em Junho deste ano, honrou o MIL: Movimento Internacional Lusófono (e, por extensão, a *Nova Águia*) com a distinção de “Instituição Honorária”. À Academia Internacional da Cultura Portuguesa, na pessoa de Adriano Moreira, o nosso público reconhecimento por tão honrosa distinção.

DALILA PEREIRA DA COSTA E A NATUREZA MATRIARCAI DE PORTUGAL

Artur Manso

O Futuro é tão antigo como o Passado. E ao caminhar para o Futuro é o Passado que conquistamos!

ANTÓNIO MARIA LISBOA

1. Defende José Eduardo Franco¹ que “uma nação para ser completamente precisa de ter desenvolvido, no processo de elaboração cultural do seu auto-conceito enquanto nação, um processo quadrimensional de mitificação [...] a idealização do mito das origens da nação, a narração encomiástica de uma epopeia, a exaltação de uma idade de ouro gloriosa e a concepção de uma utopia, isto é, de uma escatologia enquanto sentido último da missão de um povo singular na história da humanidade” (Franco, 2009: 117). Assim sendo, é Dalila Pereira da Costa uma das mais eruditas e de pensamento mais original em trazer ao conhecimento de um público mais vasto o processo de mitificação da nação portuguesa, deixando-nos em *Corografia sagrada*² um conjunto de textos, com datas entre 1980 e 1991, em que se debruça sobre aspectos particulares do país e suas regiões, todos eles embrenhados num simbolismo mítico que nos reporta a um tempo primordial em que a criatura e o Criador viviam em harmonia. Por usura, inveja e incompreensão as criaturas afastaram-se do Criador, passando a fazer da sua existência um labor contínuo para avivar a memória desse tempo feliz e encontrar o caminho de retorno à união original. Outra característica central a este conjunto de textos é o relevo dos traços pré-arcaicos que marcam os povos antes

de nacionalidade naquele que hoje é o espaço de Portugal, essencialmente na sua porção a norte e o peso que tiveram para a afirmação da nacionalidade naquilo que é a evidência do matriarcado, primeiro assumido e depois assimilado pelo direito romano e a afirmação do cristianismo.

Nesta demanda, Dalila está convencida que a mitologia que subjaz à identidade do povo português que pelo milagre de Ourique tem mandato divino, característica que o torna especial e lhe outorga um destino providencial que servirá a Deus para realizar a sua missão no mundo: a universalização do cristianismo que terminará no ecumenismo e parusia anunciados. Não é por acaso que o primeiro texto desta obra se designa afirmativamente “Portugal, terra da nostalgia do Paraíso”, (cf. Costa, 1993: 9-14), decalcando propositadamente Mircea Eliade e o seu ensaio *La nostalgie du paradis* (1977). A interpretação do estudioso romeno serve de suporte ao pensamento de Dalila que garante ser Portugal, no conjunto das terras do ocidente, a que se perfila como eleito para guiar os outros territórios, possibilitando a refundação do paraíso terreal, uma vez que o nosso país continua a ter “consciência da queda como catástrofe, ruptura entre terra e céu, homem e deus ou deuses; e daí também o início do Mal” (Costa, 1993: 9). Talvez Portugal tenha surgido com esse propósito. Mas outros povos pensarão o mesmo, mesmo que Dalila identifique alguma iconografia ancestral, anterior à nacionalidade, cujo simbolismo aponta para essa tarefa na Igreja de S. Cristóvão de Rio Mau, da época dos templários, vendo no capitel da sua porta principal a mensagem profética dos descobrimentos como acto de iniciação, o regresso das criaturas, a remissão do mal, a reconstituição do uno. Simbologia que

¹ Cf. Franco, J. E., “Polónia, país gémeo de Portugal na Europa”, *Nova Águia*, 4, 2009, pp. 117-119.

² Cf. Dalila Pereira da Costa, *Corografia sagrada*, Porto, Lello e Irmão, 1993.

lhe parece estar também presente em outra edição da Ordem do Templo mais conhecida, o Convento de Cristo de Tomar, especialmente a janela da casa do capítulo, que em tempos diferentes mantém os mesmos propósitos: o tudo em todos (cf. ib.: 15). É verdade que esta Ordem parece ter um papel determinante na construção e desenvolvimento da nacionalidade e muito terá contribuído para a demanda dos descobrimentos, mas ela nem surgiu entre nós, nem por influxo dos portugueses, acabando Portugal por se impor ao mundo numa espécie de peregrinação do espírito parecendo cumprir a profecia de que dos pobres será o reino dos céus (cf. Mateus, 5, 3) e de que os últimos serão os primeiros (cf. Mateus, 20, 16). Para Dalila é clara a mensagem de Fernando Pessoa quando anuncia que chegada a Hora “Portugal por já não ser será”, ou seja, já não é Portugal porque esse fragmento agregador de todos os outros, estará finalmente reunido no todo sem parcelas. Mas outros símbolos reveladores da mesma tarefa são por si identificados desde os tempos imemoriais em lugares que vieram a constituir Portugal, sendo disso exemplo, entre outros, as figuras da gruta do Escoural, Panóias e a Serra da Estrela que lembram o laço original do homem com a natureza que se encontra quebrado e a necessidade de o recuperar. É na simbologia que atravessa épocas e povos que reside o encantamento do tempo que foi, daquele que está a decorrer e do que se espera venha a acontecer, representando por isso um papel central na afirmação dos povos, mesmo que muitos e contraditórios sejam os significados atribuídos por uns e outros, como nos dá conta, entre outros, Paulo Pereira³.

2. Aqui porei em destaque a originalidade de Dalila Pereira da Costa na defesa do cariz matriarcal da Pátria portuguesa. Ignorando a tendência que os discursos feministas vieram a consagrar e mergulhando em algo mais profundo e contraditório, ou seja, nas narrativas da formação do mundo e dos lugares, mostra como a mulher foi desde sempre determinante na vida dos povos, tendo em diversos períodos desempenhado um

papel central nas mudanças que aconteceram e que haveriam de levar a novas arrumações do espaço físico, quer pela intervenção directa, quer pelo mero simbolismo das suas acções.

É na tentativa da união do sagrado e do profano, faces distintas de uma única realidade, que Dalila estabelece as características matríciais do matriarcado na compleição de Portugal. Refira-se a coincidência com a particular e mais feminista e erótica interpretação de Natália Correia⁴, neste caso, naquilo que diz respeito ao também arquétipo de Portugal representado no Culto Popular do Espírito Santo, sem esquecer que o termo mátria não é exclusivo da tradição portuguesa. Ele aparece amplamente reflectido na literatura e poesia da Bretanha, Alemanha, Espanha e outros lugares em diferentes épocas. A doutrina cristã também não é alheia a outras tradições e culturas uma vez que só começou a ganhar forma há cerca de dois mil anos que representam uma pequena fração do tempo em que a nossa civilização foi ganhando forma. E também aí a mulher ocupa um lugar de destaque, no Antigo e Novo Testamento, o que prova que o esquecimento e desconsideração que estas, de forma esmagadora, têm na história dos povos não se deve àquilo que a tradição nos conta e de que há marcas evidentes, mas tão só e apenas ao domínio da cultura e das instituições desde há milénios pela figura masculina que se apropriou da tradição, tantas vezes pela força e a moldou aos seus interesses, ocultando deliberadamente a acção feminina.

⁴ Cf. Escritos de Natália Correia sobre a utopia da idade feminina do Espírito Santo, em Franco, J. E.; Mourão, J. A. (2005). *A influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa. Escritos de Natália Correia sobre a utopia da idade feminina do Espírito Santo*. Lisboa: Roma Ed., pp. 145-229; a) “Conferência de Santa Isabel”, pp. 151-158; b) “Espírito Santo feminino”, pp. 159-160; c) “A política e a reconstrução do espaço sacral”, pp. 161-169; d) “A transposição açoriana do Portugal europeu”, pp. 171-189; e) “Politeísmo”, pp. 191-195; f) “Espírito Santo e grail, templários, cister, franciscanos”, pp. 197-198; g) “Milénio”, pp. 199-201; h) “A teologia pentecostal do feminino e o câncioneiro popular açoriano”, pp. 203-211; i) “Ideologia e descobrimentos”, pp. 213-218; j) “A cultura pentecostal da açorianidade”, pp. 219-227; k) “Apontamentos manuscritos soltos”, p. 229. A mesma temática é ainda tratada em outros escritos como: *O armistício* (1965); *Mátria* (1967); *A madona* (1968); *O encoberto* (1969); *Onde está o menino Jesus?* (1987); Posfácio. Em M. E. Santo, *Origens orientais da religião popular portuguesa: ensaio sobre toponímia antiga* (1988).

³ Cf. Pereira, P. (2004). *Lugares mágicos de Portugal*, 8 vols. Lisboa: Círculo de Leitores

A COROGRAFIA SAGRADA NA OBRA DE DALILA PEREIRA DA COSTA

Joaquim Domingues

Para a plena consciência portuguesa, urgirá possuir o seu inconsciente colectivo, ou supra-consciente; secretamente à obra através dos tempos da sua história, a ela alimentando-a, justificando e dando-lhe pleno sentido. [...] tornando assim visível uma certa estrutura específica, como unidade sistematizada mítico-religiosa do ser português.

Corografia Sagrada,
Porto, 1993, pp. 13 e 14.

O traço porventura mais vincado, seja da pessoa, seja da obra, da Dra. Dalila Pereira da Costa julgo ser o da sua singularidade, razão pela qual é tão difícil classificá-la dentro dos moldes habituais. Tal como outras personalidades com as quais tem algumas afinidades, o seu perfil definiu-se no âmbito de um clima espiritual que, polarizando na cidade do Porto uma feição do ‘génio lusíada’, tem carecido de suporte institucional, se exceptuarmos o breve ciclo protagonizado pela *Renascença Portuguesa* e sua primeira Faculdade de Letras. Assim, se for lícito falar de uma ‘escola portuense’, na qual se filie a autora da *Corografia Sagrada*, o termo há-de entender-se em acepção muito ampla, pois o magistério genial não obedece às normas comuns e resulta, nos melhores casos, como o seu, num pensamento irredutível aos esquemas académicos.

Ao invés do que acontecera a homens como Guerra Junqueiro, Bruno ou Leonardo Coimbra, que erraram largo curso das suas vidas na busca da senda conducente à meta que demandavam, o seu percurso foi bem mais coerente, ‘inconsútil’, como gostava de dizer. Não isento, porém, de dificuldades várias, decorrentes sobretudo do contexto social e mental, em geral adverso à orientação que seguiu, agraciada por

uma feliz disposição interior, uma rara intuição e uma vontade inquebrantável. Numa atitude exigente de constante fidelidade aos valores de que se considerava herdeira e por isso responsável, sobretudo em relação aos mais novos, em quem punha as melhores esperanças.

Filha única de um casal dos mais prestigiados da cidade do Porto, com fortes ligações ao Douro e projecção a nível nacional e mesmo internacional, mormente no plano intelectual, graças à livraria e em especial à editora Lello & Irmão, o meio familiar estava sintonizado com os valores que tinham conduzido ao 5 de Outubro de 1910, como atesta o nome da rua onde nasceu e viveu. O avô materno, António Pinto de Sousa Lello (1869-1953), republicano e mação, partilhava as convicções dos que se empenhavam por ‘modernizar’ o País, ou seja, por romper com a tradição que, pelo menos até ao século XVIII, tinha presidido à sua vida, feitos e instituições. É o que se depreende, por exemplo, do volume *Conversando. Seis palestras no Rotary Club do Porto*, edição não comercializada, de 1937, dedicado: «À minha querida neta Dalila», por quem tinha um muito especial carinho.

Era um homem culto, responsável por uma das fases mais brilhantes da Lello e que, enquanto vereador da Câmara Municipal do Porto, apoiara José Pereira de Sampaio à frente da Biblioteca Pública Municipal. Como que adivinhando a futura letrada, oferecera-lhe um raro incunábulo, que a neta legaria à Santa Casa da Misericórdia do Porto; ela que, sempre fiel à memória, dedicaria o derradeiro livro, *As Margens Sacralizadas do Douro Através de Vários Cultos* (Lello Editores, Porto, 2006): «A meus avós maternos durienses (Penaguião) Maria Silvina Ferreira Reis e António Pinto de Sousa Lello». O querido avô

que, interessado também pela história das origens, publicara em 1942, fora do mercado, *O Foral de Fontes, Tabuadêlo e Crestêlo*, freguesias da sua região natal.

Suponho que, à laia de outras famílias burguesas de então, onde o marido se afirmava mais ou menos francamente ‘moderno’ e amiúde anticlerical, enquanto a esposa, mais piedosa e afecta à tradição, mantinha a prática religiosa, a educação da Dra. Dalila Pereira da Costa terá sofrido os efeitos de uma tensão semelhante. O certo é que fez os estudos secundários no Colégio de Nossa Senhora do Rosário, das religiosas do Sagrado Coração de Maria, que abriu em 1926 na Avenida da Boavista; e em Coimbra viveu hospedada, próximo da Sé Velha, no Lar do Sagrado Coração de Maria, para meninas estudantes, da mesma congregação. Uma formação de contrapolares tendências, que superou, por uma visão integradora dos diferentes aspectos da realidade humana, natural e sobre-humana, que, não sendo propriamente inédita, harmonizou de forma original.

O ambiente mental da academia coimbrã, sem embargo dos matizes que distinguiam os professores, era predominantemente positivista e em geral tão pouco afecto aos valores religiosos que, logo após a proclamação da República, logrou a transformação da Faculdade de Teologia em Faculdade de Letras, cumprindo o voto feito ainda no século XIX. As qualidades académicas e humanas dos docentes, porém, eram de molde a ter deixado na jovem estudante uma duradoura admiração, mormente por Joaquim de Carvalho, Virgílio Correia, Damião Peres e Torquato de Sousa Soares. Aliás, ao longo da sua obra não deixará de dar mostras do gosto que lhe ficou pelos estudos históricos, literários, etnográficos e artísticos, que ampliou em função dos temas da sua predilecção.

Longe de ser uma autodidacta, na acepção corrente, beneficiou ainda dos privilégios inerentes à condição social, que lhe permitiram um largo conhecimento do mundo, não apenas por via cultural, mas ainda pela permanência durante vários anos na Bélgica e no Brasil. Daí o enigma que constitui o facto de ter optado por uma vida quase eremítica, em plena cidade do

Porto, no maior despojamento e simplicidade, mantendo intacta a casa onde nascera, como se fora mera guardiã da memória familiar. Sempre aberta e atenta, porém, aos que a procuravam, manifestando autêntico interesse pelos seus problemas, projectos ou criações; mas recusando, por via de regra, dar aso a que se falasse da sua pessoa e da sua obra.

Pode dizer-se que tudo, incluídos os livros, conferências e textos dispersos, o entendia como um serviço, prestado de boa mente, sem esperar qualquer proveito pessoal, fosse ele a fama ou sequer a gratidão dos auditores e leitores. O que, sendo decerto fruto da esmerada educação, muito devia também a uma exigente ascese prosseguida ao longo da vida, mormente na sequência das experiências testemunhadas em *Os Instantes nas Estações da Vida*. Se não virou as costas ao mundo, como sabem os que a conheceram e está documentado na extensa correspondência que manteve, seguiu um caminho estreito, onde não é fácil acompanhá-la.

Uma singularidade resultante, não do afã do exotismo ou da afirmação pessoal, mas, pelo contrário, do empenho em servir o comum, conforme a expressão cara a Agostinho da Silva, com quem manteve uma forte relação de amizade. A sua obra resume-se, aliás, a uma persistente e perspicaz sondagem do que de mais autêntico e permanente define o destino de Portugal, não apenas no horizonte dos muitos séculos que conta já de autonomia política, mas desde as mais remotas idades de que há notícia, por mais imprecisa, vaga ou enigmática. Numa hermenêutica onde revelou rara intuição e ousadia, que explicam, por sua vez, a proximidade com António Quadros, não só no interesse por Fernando Pessoa, mas em especial na ideia de que a ‘razão e mistério’ de Portugal têm raízes muito mais profundas e altas do que aquelas que a historiografia costuma reconhecer.

Daí, também, a importância atribuída à saudade, como via de acesso a uma memória que, resistindo a todos os acidentes da história, conserva a chave do passado e do futuro e, por isso, será o melhor garante da acção eficaz no presente. Tema que perpassa toda a obra e deu origem a *Introdução à Saudade. Antologia*